

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: FRAGMENTOS DE UMA PRÁTICA EM CONSTRUÇÃO

Priscila Marques Mateus da Silva⁶⁸ — FFP/UERJ
E-mail: primarkes@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo, trata-se de um recorte da pesquisa em andamento para elaboração da dissertação de mestrado, ainda em fase inicial, e tem como eixo norteador o trabalho com a literatura africana e afro-brasileira como ferramenta de valorização da linguagem oral e escrita como modalidades complementares. Culminando na criação de um Podcast⁶⁹ para registro das leituras e narrativas das crianças. Com vistas à compreensão dos caminhos trilhados para a efetiva implementação da lei 11645/08; o impacto desse trabalho no ambiente escolar; e de que maneira, tais práticas corroboram para o fortalecimento da negritude em sujeitos do grupo pesquisado.

Palavras-chave: Educação antirracista; oralidade; práticas pedagógicas

INTRODUÇÃO

Se pararmos para observar as relações escolares em nosso país, certamente identificaremos imagens, conceitos, palavras, que estigmatizam os negros circulando dentro das escolas. Por isso esse lugar é tão oportuno para a valorização do respeito às diferenças e desconstruir preconceitos e intolerâncias. Muitas vezes o preconceito se faz presente travestido de brincadeiras, em pequenos gestos e atitudes do dia a dia. Ou até mesmo nos sistemas de avaliação, que na maioria das vezes atua na reprodução das desigualdades.

O primeiro passo para combater o racismo é reconhecer que ele existe, mesmo tão precocemente nas brincadeiras infantis. E a trajetória escolar é um momento importantíssimo no processo de construção da identidade das pessoas.

Segundo Cerqueira (2005), a construção da autoestima da criança negra depende muito do ambiente escolar, porque lá vivencia parte do seu dia a dia. As relações estabelecidas na

⁶⁸ Mestranda em Educação pelo PPGEDU da FFP-UERJ; Especialista em Alfabetização das Crianças das Classes Populares – UFF; Graduada em Pedagogia – UFF.

⁶⁹ Podcast é um arquivo de áudio acessado via internet que pode ser amplamente utilizado para divulgação de conteúdos, sendo possível organizar diversos temas em séries de episódios.

interação em classe, os conteúdos sistemáticos que apreendem, podem contribuir para que a criança negra cresça sentindo-se diferente, mas não desigual.

Visto que as representações negativas sobre os negros e o racismo estão presentes no universo escolar, este cotidiano, precisa ser revisto e transformado para praticar a democracia e o respeito aos indivíduos. Nesta tarefa incluem-se todos os membros da equipe escolar, aí incluídos professores e professoras de todas as áreas científicas. Segundo os documentos oficiais do MEC a tarefa é de todos e não restrita as áreas de História, Artes ou Literatura, o que privilegiaria apenas aos estudantes das séries finais.

É urgente assumirmos uma postura política perante o modelo de sociedade que queremos viver, a solidariedade quanto ao futuro da maioria de nossa população, a formação continuada, tudo combinado com as inovações do fazer pedagógico. Através de erros e acertos estaremos caminhando!

ENTRE POSTULADOS LEGAIS E FAZERES PEDAGÓGICOS

Para Rocha (2009), é urgente diminuir a distância que ainda existe entre as postulações dos documentos pedagógicos e legais sobre o tema e o fazer pedagógico. A questão racial é assunto de todos e deve ser conduzida para a reeducação das relações entre descendentes de africanos, de europeus, de indígenas, etc.

Diante desse cenário, as questões que me proponho a discutir nesta pesquisa, estão relacionadas à efetivação de práticas educativas que abarquem os elementos da cultura afro-brasileira, trilhando um caminho de possibilidades para a implementação da lei 11 645/08. Sendo norteado pela relação ambivalente entre o oral e o escrito. Uma vez que, é comum observarmos a supervalorização da escrita como a principal fonte de legitimação do conhecimento. É o tal, vale o que está escrito! Porém, de acordo com Bâ:

“A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. É a herança de tudo que nossos ancestrais puderam conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente. (Tierno Bokar, apud Bâ, 2003, p.175).”

Logo, não trata-se de desqualificar nenhuma das formas de linguagem. A escrita é extremamente importante para o registro das memórias de um povo e para que essas memórias sejam divulgadas, porém não é a única maneira possível. A tradição oral é fundamental na propagação dos saberes e na preservação da cultura africana.

Passados quase vinte anos da promulgação da lei 10.639/03, ainda hoje é comum a temática racial, a história e cultura dos africanos serem trabalhados apenas no mês da Consciência Negra. Os levantamentos iniciais dessa pesquisa apontam que nem sempre há por parte dos gestores, interesse em promover palestras, seminários, cursos sobre o tema, sendo esta uma questão de baixa relevância nas políticas desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Educação e também nas práticas educacionais da maioria dos professores.

É preciso estar atento às possíveis entraves para a implementação da lei, tal como a resistência dos educadores em reconhecer a relevância da questão, a falta de espaços para a reflexão e troca de saberes entre esses profissionais e o real comprometimento por parte da Secretaria Municipal de Educação com a implementação da lei. Porém, a coisa não pode deixar de acontecer! É urgente reformularmos nossos fazeres.

Diante do exposto, este estudo privilegiará a realização de atividades práticas, tendo como protagonistas os alunos e alunas, que atuarão ativamente na produção dos conteúdos. E assim, poderemos juntos, partilhar, viver e sentir as experiências de pensar com o cotidiano, percebendo o outro e sua fundamental importância nesse processo de construção e reconstrução. Ainda que com os percalços impostos pela pandemia da Covid 19, que chegou de forma abrupta em nossas vidas, impactando nossas rotinas, nossas ações didáticas e principalmente o nosso sentir e estar nesse mundo diante de um contexto tão duro, de tanta dor, de aumento imensurável da desigualdade. Ainda assim, buscarei junto com as crianças, fortalecer-nos e tentar, apesar de tudo, um fazer pedagógico significativo. Considerando sempre, a pluralidade e os entraves socioeconômicos que o ensino remoto nos expõe.

E nesse movimento, repouso com a reflexão de Paulo Freire, que nos aponta que “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”, logo “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (1996, p.25) Desse modo, as crianças serão incentivadas a fazer a seleção dos contos africanos, além de investigar junto aos seus familiares, suas histórias ancestrais, para realizar a produção dessas narrativas fortalecendo os preceitos da ancestralidade e da tradição oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da identidade é de extrema importância para se compreender as discussões relacionadas às desigualdades educacionais, já que em países multirraciais como o Brasil, a questão identitária acaba sendo legitimada, a partir da classe dominante. Tão logo, podemos pensar no conceito de negritude abordado por Munanga (2009), que a compreende como forma de demarcar o pertencimento ao grupo social negro, ao que corresponde o caráter político desse

vínculo, uma vez que a população negra sofre com estigmas que impactam em todas as esferas da vida social.

E quando pensamos em pertencimento, é de suma importância o resgate das histórias dos sujeitos. E encontramos através da ancestralidade a oportunidade de entermos o presente a partir do que e como foi vivido no passado, fortalecendo nossa relação com o *outro*.

Desse modo, essa pesquisa busca colocar em prática alguns conteúdos que vislumbram a cultura africana e afro-brasileira e a observação dos impactos na mudança de comportamento e percepção dos alunos e alunas em relação ao negro e aos elementos da nossa cultura, além do compartilhamento dos conteúdos produzidos a fim de subsidiar outras práticas docentes. Uma vez que o combate ao racismo e a qualquer forma de discriminação é urgente e infelizmente, ainda necessário.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mairce da Silva. “Cenas do cotidiano de uma escola pública: olhando a escola pelo avesso”. In: GARCIA, Regina Leite. (org.) *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2003.

BÂ, Amandou Hampâté. *A tradição viva*. In KI-ZERBO, J.(org.) *História Geral da África*. São Paulo: Ática. 1982

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e terra, 1996.

_____. *A importância do ato de ler*. São Paulo. Paz e Terra, 1982.

GARCIA, Regina Leite (Org.). *Alfabetização das Crianças das Classes Populares, ainda um desafio*. São Paulo: Cortez, 2012

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte, Autêntica. 2009.